



**PASSADO É PRESENÇA**  
**A IMPORTÂNCIA DO PASSADO NA CONSTRUÇÃO DO SER PRESENTE**

*Raquel Silva de Brito*  
[kelsb10@hotmail.com](mailto:kelsb10@hotmail.com)

**Brasília-DF**

**2006**



**PASSADO É PRESENÇA**  
**A IMPORTÂNCIA DO PASSADO NA CONSTRUÇÃO DO SER PRESENTE**

*Raquel Silva de Brito<sup>1</sup>*  
[kelsb10@hotmail.com](mailto:kelsb10@hotmail.com)

**Resumo**

O passado é a dimensão temporal que possui prioridade na constituição da identidade do ser. Nada se pode dizer de um existente a não ser o que ele foi até então. O presente representa o espaço que une o passado às possibilidades tornadas presentes e, por conduzir-se sempre ao passado, carece de duração. É por isso que o reconhecimento do passado como prioridade na constituição do ser é elemento imprescindível à construção do ser presente, do ser autêntico. O futuro não pode ser admitido como algo que é e que tenha primazia na construção do ser presente. Nesta compreensão apresenta-se a compreensão do ser indissociável da compreensão do tempo.

**Palavras-chave:** Passado – presente – ser autêntico – futuro.

*É Possível Afirmar um Ser do Passado*

Na dimensão do passado residem todas as escolhas e atos realizados pelo ser. Tudo começa com o ato que, era possibilidade, se torna presente depois de concretizado e ingressa diretamente para o passado, instalando-se aí. Perceba-se que o que se instala no passado continuamente e que só amplia sua dimensão no curso temporal, permanece inalterável, mas faz jorrar atitudes a partir de si. Tudo o que é o ser, reside no passado. O ser é resultado do que já foi e continua sendo. O presente só o é pelo passado que o antecedeu. Não se deseja defender que é possível desligar o ser das outras dimensões temporais que não o passado, mas dizer que a identidade do sujeito esta arraigada no passado.

---

<sup>1</sup> Raquel Brito Graduada em Filosofia e Especialista em Educação para Séries Iniciais desde 2005.



Se o passado interpenetra o presente não é por força do presente, mas por existência do próprio passado. Não se pode atribuir tal fato ao presente, pois este é vazio de duração e continuamente torna-se passado.

Sartre afirma que é preciso que haja passado para que, posteriormente, haja a permanência. Mas, ao contrário do que nos apresenta a filosofia sartreana, o presente não pode ser afirmado como permanência, já que não dura. Neste caso, a permanência é o próprio passado, já que o passado é o que permanece no ser sem possibilidade de alterações. Passado não pode ser presente, mas pode se fazer presente nele. O presente é composto de sucessivos e infinitos instantes, tornando-se passado tudo que dele se passa. Como diria Agostinho de Hipona<sup>2</sup>, o passado se faz presente na “lembrança presente das coisas passadas”.

Segundo Agostinho, mede-se o tempo na alma, a partir das impressões que nela ficam gravadas, nessas impressões que permanecem mesmo depois de terem passado. Com a consumição do futuro e a passagem pelo presente, tudo o que é pretérito e nele reside, passa para o domínio da memória. Embora seja possível afirmar que as recordações que se tem ocorrem num momento atual, a partir dele e a seu favor, é do passado que provém a recordação. Se fosse a recordação presente, referir-se-ia a um agora e não a um ato que já foi presente e que se faz presente com a recordação. Se fosse a recordação um fruto do presente, para suscitá-la não haveria a necessidade de transcender o presente para ir ao passado e não teria ela a capacidade de desprender o homem do presente.

O passado é a dimensão determinante na constituição da identidade do ser e embora abolido em sua facticidade, permanece com sentido na memória e influencia os instantes presentes. Isso ocorre porque a relação que há entre seu ser e seu passado é uma relação interna. O sujeito é possuidor de seu passado, ou melhor, é o seu passado. O presente se

---

<sup>2</sup> Agostinho, 1999, p. 328.



apresenta como resultado de causas passadas, como algo que está diretamente ligado ao passado.

Jean-Paul Sartre impõe, em “O Ser e o Nada”, a problemática do termo “era”. Segundo ele, o termo designa um estado que não é inteiramente passado nem totalmente presente, mas isso ocorre porque o “era” propõe a situação do que, mesmo deixando de ser, ainda é parte integrante de sua identidade. Ao empregar-se o termo “era”, é porque não se abandona completamente à relação de dependência com o que se foi.

Não me dissocio do meu passado. Sem dúvida, com o passar do tempo, posso tentar essa disassociação, posso declarar que “não sou mais o que era”, argüir uma mudança, um progresso. Mas trata-se de reação secundária, que se dá como tal. Negar minha solidariedade de ser com o meu passado a respeito desses; ou, daquele ponto particular é afirmá-lo para o conjunto de minha vida.<sup>3</sup>

Sartre explica que qualquer tentativa de rompimento com o passado, já o afirma como parte constituinte da identidade de seu ser. Nesse sentido, o passado é aquilo que o homem é porque representa o que já se encerrou em possibilidades. Só podemos ser definidos com nosso passado, porque ele representa a totalidade do que somos até então.

Consideremos o exemplo de alguém que, por um motivo qualquer, morre. Essa pessoa não será nada mais que seu passado. Todo seu ser, portanto, estará contido e definido no que ele foi. No caso de pessoas que estão vivas, o que pode afirmar-se delas a não ser o que foram até então? Observe-se que a identidade do sujeito está contida no que ele foi e no seu “era”. Qualquer modificação que ocorra na vida desta pessoa é fundamentada pelo que o seu passado revela.

O passado é a totalidade crescente de nosso ser. Já que a natureza do homem é exatamente num “sendo”, tudo o que se faz enquanto ato presente encaminha-se para o

---

<sup>3</sup> Sartre, p. 167.



passado e une-se a totalidade do que o existente é até então. A proposta não é conceber o passado como presente, mas de afirmá-lo como presença, ou seja, algo existente no presente, algo que inflama o presente e que provoca possibilidades. O passado encerra-se em possibilidades, mas geram outras.

Se o passado de alguém não lhe tivesse relevância alguma, lembranças passadas não provocariam reações no homem ou não se teria mecanismos de lembrança e recordação. Romperia-se qualquer elo com tais acontecimentos e o passado de um ser não existiria para ele mesmo ou para outro ser. Sendo assim, o passado não teria relação alguma com o presente e, ao contrário do que se afirma aqui, não influenciaria a escolha de possibilidades.

O passado, embora provoque possibilidades, difere do que é possível. Do passado esgotaram-se suas possibilidades e, como afirma Sartre, nada pode ser adicionado ou subtraído do conteúdo do pretérito. O que pode ocorrer é que, em função de acontecimentos presentes e de possibilidades, mude-se a significação do passado. Não se pode modificar o que foi, mas é possível alterar a significância disso para o ser que o foi. Há aí uma irradiação de influências entre passado e presente. O passado faz com que o presente seja aquilo que é, e o presente pode modificar a significação do passado.

Passado é presença a seu modo. Faz-se presente no ser como algo substituível, mas inapagável da história do sujeito. O passado de um ser, nele permanece sem que algo possa ser retirado. De fato que escolhas componentes da trajetória de um homem são continuamente sobrepostas por outras escolhas. Não que estas escolhas posteriores tenham a competência de extinguir as escolhas anteriores, mas de substituí-las como algo que revela uma postura diferenciada em relação ao passado.

É impossível que essa escolha não se determine em conexão com o passado que ela tem-de-ser. Inclusive, tal escolha é, por princípio, decisão de captar enquanto passado a escolha a qual substituiu. Um ateu convertido não é



simplesmente um crente; é um crente que negou o ateísmo para si, um crente que preterificou em si o projeto de ser ateu.<sup>4</sup>

Quando se realizam escolhas no momento presente, toma-se o passado como referência, avalia-se esse mesmo passado em favor da escolha atual. Isso quer dizer que a escolha anterior tem a condição de influenciar a escolha posterior. As decisões que o homem adota, são realizadas a partir de seu passado e essas mesmas escolhas revelam o significado do passado para o existente.

Quando nego alguma relação com meu passado, já estou a afirmá-lo como parte de minha existência, já que não posso negar em meu ser algo que é exterior a ele. O passado revela o que o existente é, é o que se pode afirmar do sujeito: o que ele foi até então. O passado é o ser porque dele nada pode ser extinto. O que se afirma do ser no presente é o que se pode perceber do conjunto de seu passado. Mesmo que insista em sempre tomar decisões que visam destruir o seu passado ou anulá-lo, o ser o faz porque esse passado existe, é parte de sua existência e se faz presente a ponto de cobrar do indivíduo uma atitude presente em relação a ele.

O que se pretende dizer aqui é que o ser encontra no passado a sua síntese, visto que possibilidades e atos presentes logo se tornam passado. O passado é a dimensão da temporalidade que, mesmo em relação de unicidade com as outras dimensões temporais, assume uma posição de primazia na constituição da identidade do ser presente. O ser presente é o ser que escolhe, mas que escolhe em vista do reconhecimento do que de fato é, já que é o seu passado. A autenticidade do ser presente consiste exatamente nisso, no reconhecimento de seu ser mais próprio.

---

<sup>4</sup> Sartre, p. 575.



O ser que existe não pode deixar de ter um passado e de sê-lo. Não há opção posterior que elimine do ser o ser passado. É como escritos em uma lousa que, mesmo sendo apagados, ainda deixam seus vestígios mesmo que sejam feitos sobre si outros escritos.

O passado é presente e funde-se insensivelmente com o presente: é a roupa que escolhi seis meses atrás, a casa que construí, o livro que comecei a escrever no último inverno, minha mulher, as promessas que lhe fiz, meus filhos, tudo que sou, tenho-de-sê-lo à maneira do tendo sido.<sup>5</sup>

O ser presente não pode ser constituído por possibilidades já que, quando presentificadas deixam de sê-las para tornarem-se algo presente e, em seguida, preterificar-se. Possibilidades não são, possibilitam-se. Presente não é um ser, mas um “sendo”. Apenas o passado é.

O passado é indispensável às próximas escolhas do existente e são essas escolhas que determinam e constroem continuamente o passado do ser. No fim de sua trajetória o ser não será nada mais que seu passado.

Desse modo, o ser encontra sua significação no tempo. Aliado ao ser, tempo é temporalidade, uma compreensão mais ampla do tempo testemunhado pelo ser. O existente encontra na dinâmica temporal de sua trajetória, um constante ciclo de possibilidades, possibilitadas enquanto escolhas presentes e posteriormente preterificadas como parte constituinte da identidade desse ser. Residem no passado novas possibilidades, à medida que ele é o motor para escolhas posteriores. Tudo reside no passado, às escolhas presentes, as experiências, as possibilidades possibilitadas, o que de fato é o ser.

---

<sup>5</sup> Sartre, p. 610.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

SARTRE, J. P. *O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Ed.

Vozes, 2003.